



# Mudança de Comportamento

*Período que coincide com o início da adolescência, a entrada no Ensino Fundamental II é um momento de mudança para alunos e também para professores*

**A**o deixar o Ensino Fundamental I para trás e ingressar no Ensino Fundamental II, muita coisa muda na vida escolar do aluno. A professora regente, única, é substituída por vários professores, cada qual para uma área do conhecimento. A correria do intervalo é substituída

pelas conversas em grupo. A avaliação passa a ser mais rigorosa. Da mesma forma, a responsabilidade aumenta e a cobrança por parte da escola e dos pais passa a ser maior. E, como se não bastasse tudo isso, geralmente a transição escolar corresponde a uma das etapas mais conturbadas do desenvolvimento

humano: a adolescência, com todas as alterações hormonais, físicas e psicológicas, as dúvidas e inseguranças tão comuns nesta fase.

Em meio a tudo isso, é necessário saber de que forma a escola e os professores recebem e se relacionam com essa nova pessoa que, embora ainda não seja aceita

como adulta, não se enquadra mais no conceito de criança. “É curioso observá-los, na 5ª série, mais articulados e questionadores, o que representa um processo de desenvolvimento de sua personalidade e auto-afirmação no grupo”, diz Débora Creti, orientadora educacional de Ensino Fundamental das Escolas Positivo, instituição de Educação Básica do Grupo Positivo.

Para ela, muitos demonstram resistência em aceitar algumas propostas e idéias, porém é a forma que encontram para expressar suas idéias e emoções. O que antes era aceito com tranquilidade passa a ser analisado e discutido, a fim de garantir sua contribuição e percepção da realidade”, explica.

Entre as questões levantadas por especialistas, um dos maiores desafios dos educadores está na maneira de oferecer ao adolescente, dentro do ambiente escolar, a possibilidade de desenvolver suas potencialidades e o seu senso crítico, contribuindo de forma positiva na construção dos valores desses cidadãos. “Compreender o desenvolvimento físico e psíquico do aluno é importante. Mas, acima de tudo, a escola e os educadores devem tratá-lo de forma que ele se perceba como um sujeito mais livre do que uma criança, e mais responsável por seus atos, como os adultos”, explica a educadora Sandra Bozza, autora de diversos livros na área educacional, que vê nas discussões e no exercício dos Direitos Humanos em sala de aula um importante instrumento para a formação de cidadãos plenos.

“Ética e moral, por exemplo, não se ensinam com discurso e, sim, explicitando cada situação não-ética ou imoral ocorrida. Em todos

os momentos que refletimos sobre fatos ocorridos na sociedade ou no interior da escola, que envolva uma postura moral ou ética, estamos trabalhando para um mundo mais justo e equânime”, explica. Nessa perspectiva, não importam apenas os métodos e meios de transmitir o conhecimento e, sim, como construir esse conhecimento a “quatro mãos”, fazendo o aluno se interessar por todas as questões que o cercam.

### **Jogos on-line**

Despertar o interesse do aluno nem sempre é uma tarefa fácil. A desmotivação, comum nesta fase, é um dos problemas que exige esforço conjunto para ser vencido. Saber quem é esse adolescente é fundamental para que essas ações dêem resultado. O professor deve ter em mente que o adolescente da atualidade é muito diferente dos adolescentes da sua geração. Os jovens de hoje baixam música na Internet, comunicam-se por meio de mensagens eletrônicas, trocam e-mails e participam de jogos on-line, além de usarem os sites de busca para procurar informações sobre quaisquer assuntos na Internet.

Se as informações são mais acessíveis, a escola, de certa forma, concorre diretamente com todos os meios de comunicação disponíveis, o que colabora no desinteresse do aluno pelas aulas convencionais. Desenvolver atividades de acordo com o perfil dos adolescentes pode ser uma boa alternativa para trazê-los de volta ao mundo escolar. Na opinião de Bozza, a escola, ou o professor, que tem a sensibilidade de se adiantar aos interesses dos alunos

e trabalhar os conteúdos de acordo com o que eles têm mais afinidade, tem ampla vantagem neste processo. “Por que não relacionar a proposta pedagógica com aquilo que faz parte do universo do aluno, por exemplo?”, sugere Bozza. Para ela, se o adolescente se mostra mais aberto para a música, é importante contemplar o estudo da acústica, do compasso binário, a relação destas questões com a matemática e a informática, por exemplo. “Ninguém aprende o que não tem significado. Cabe ao professor significar, como ponte conhecedora dos dois lados do rio, o conteúdo a ser ensinado”, explica.

Nas Escolas Positivo, a cada início de ano letivo, os professores discutem o perfil de cada faixa etária, para levantar as necessidades e características dos pré-adolescentes. Para tanto, são debatidos textos sobre o tema como forma de enriquecimento da prática educativa. A orientadora Débora Creti, no entanto, afirma que o olhar afetivo dos professores é que cria o vínculo necessário para integrar os alunos em um grupo. “Ao adotar, nossos alunos estão também pedindo ajuda para compreender as mudanças que estão ocorrendo em suas vidas e, na relação com o adulto, encontrar o acolhimento e o sentido de pertencimento enquanto seres humanos inseridos em uma comunidade”, afirma.

### **Mão dupla**

Não há como negar que as relações entre o professor e o adolescente são bastante complexas nesta fase e isso tem seu peso no processo escolar. Da parte do aluno pode haver a identificação e

idolatria pelo professor ou até mesmo o descaso. Por outro lado, há professores que também manifestam diversas reações diante do público adolescente. Alguns tentam até mesmo se comportar de maneira igual ao aluno na busca de uma melhor aceitação pela turma. Na verdade, essas relações podem ser perigosas para ambos.

Na opinião da psicopedagoga Isabel Parolin, o adolescente precisa de relações fortes e consistentes. “O jovem precisa de alguém que lhe dê segurança e por isso o professor não precisa sair do seu papel, mas deve se aproximar para entender em qual mundo esses alunos estão vivendo para, na continuidade, ir desvelando junto com eles esse mundo”, explica.

### Limites

Uma questão que deve ficar bem clara para pais e educadores é a do limite. E julgar que a adolescência é o momento em que essa necessidade seja maior pode ser um grande equívoco do mundo adulto. Limites devem ser trabalhados desde a infância, e não apenas reforçados na adolescência. Crianças e adolescentes desejam limite porque para eles isso é sinônimo de amor, atenção e intimidade. “Quando o adolescente ultrapassa, e muito, as regras de convivência, tanto em casa como na escola, a falta de limites tem origem remota”, diz Sandra Bozza. “Uma criança ou um adolescente que não encontre nos educadores a firmeza do limite tende a desafiar em grau cada vez mais alto sua autoridade”, explica.

A escola tem muito a aprender com esses alunos que, a cada

novo dia, descobrem um mundo diferente, mais dinâmico e mais interessante. Para profissionais como a orientadora Débora Creti, a troca é o ponto-chave da relação com o adolescente. “Será de grande valia se os alunos receberem de seus professores o apoio emocional, a fim de contribuir com seu desenvolvimento pessoal e intelectual”, diz. “Este vínculo gratifica e estimula o interesse na busca do conhecimento integral”, finaliza.

Também para Parolin, é certo e seguro que o papel dos adultos, sejam pais ou professores, é prepa-



▲ DÉBORA CRETI: no Ensino Fundamental II, alunos mais articulados e questionadores

rar os jovens para a responsabilidade diante de sua vida e de suas crenças. “Contudo, acredito que essa geração que está vindo aí será muito mais consciente das questões terrenas do que qualquer outra geração. Aliás, é o que esperamos, que nossos filhos sejam melhores do que nós”, finaliza, em tom otimista. “Bom para nós todos”. ☺



▲ PERÍODO DE TRANSIÇÃO: mudanças físicas e psicológicas